

## **Competências empreendedoras dos estudantes de uma Escola Superior Agrária do Norte de Portugal**

### ***Students' entrepreneurial skills: the case of an Agriculture Higher Education School from Northeast of Portugal***

Recibido: abril/2017 Publicado: agosto /2017

#### **Autores**

##### **Maria Isabel Barreiro Ribeiro**

Doutora em Economia pela Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro-UTAD, PT

Investigadora do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento

xilote@ipb.pt

##### **António José Gonçalves Fernandes**

Doutor em Gestão pela Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro-UTAD, PT

Investigador do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento

toze@ipb.pt

## Resumo

Do ponto de vista económico, um empreendedor é um indivíduo que está motivado para ser inovador, é agente de mudança e de criação de riqueza, acrescentando valor aos recursos e a outros ativos, sendo, normalmente, encarado como uma pessoa que sabe identificar oportunidades de negócios e nichos do mercado.

Este estudo é do tipo cross-section e teve como objetivo identificar fatores diferenciadores do potencial empreendedor em 50 estudantes de uma escola superior da área das ciências agrárias, localizada no Norte de Portugal. Para a recolha de dados foi utilizada a escala Entrepreneurial Potential Indicator. A maioria dos alunos era do género feminino (78 %); tinha 22 ou mais anos (56 %), estudava em regime ordinário (84 %); era proveniente da região Norte de Portugal (84 %), vivia em meio urbano (52 %) e frequentava o 1º ciclo de estudos (82 %). Mais de metade dos inquiridos apresentou competências empreendedoras (66 %). Os fatores, de capital humano, considerados, nomeadamente, o regime de frequência, ano e ciclo de estudos, mostram não estar associados ao potencial empreendedor. O mesmo resultado foi obtido tendo em conta os fatores sociodemográficos. Contudo, os resultados revelaram a existência de uma relação de causa e efeito entre as características “Propensão ao risco” e “Autocontrolo” e o potencial empreendedor. Todas as dimensões consideradas, designadamente, Autoconfiança, Necessidade de realização, Autocontrolo, Tolerância à incerteza, Propensão ao risco e Inovação, mostraram estar positiva e fortemente correlacionadas com o potencial empreendedor, embora, se tenham destacado como determinantes, o Autocontrolo e a Propensão ao risco, características que explicam em 92,9 % do potencial empreendedor dos estudantes. Esta situação poderá ser melhorada através de ações de formação que permitam desenvolver competências ao nível do planeamento e da tomada de decisão no sentido de facilitar a elaboração de planos de ação e a tomada de decisão racional, e, conseqüentemente, promover a procura de atividades novas ou novas formas de desenvolver as já existentes.

Palavras chave: potencial empreendedor, inovação, ciências agrárias.

## Abstract

*From an economic point of view, an entrepreneur is an individual who is motivated to be innovative, is an agent of change and wealth creation, adding value to resources and other assets and is usually seen as a person who can identify business opportunities and market niches.*

*This is a cross-section study and aimed to identify differentiating factors of the entrepreneurial potential from 50 students at an agricultural higher education school, in the northeast of Portugal. The Entrepreneurial Potential Indicator scale was used to collect the data. The students' majority was female (78 %); had 22 or more years (56 %), studied under an ordinary regime (84 %); most came from the North of Portugal (84 %); lived in urban areas (52 %) and attended the 1st cycle of studies (82 %). More than half of respondents had entrepreneurial skills (66 %).*

*The human capital factors considered, namely, the frequency regime, year and course of study were not associated with entrepreneurial potential. The same result was obtained with regard to demographic factors. However, the results revealed the existence of a cause and effect relationship between the characteristics "propensity to risk" and "Self-control" and entrepreneurial potential. All dimensions considered, namely, Self-confidence, Achievement Necessity, Self-control, Tolerance to Uncertainty, Propensity to Risk and Innovation, proved to be positive and strongly correlated with entrepreneurial potential. However, Self-control and the Propensity to Risk stood out as determinants once these characteristics explain 92,9 % of the students' entrepreneurial potential. This situation can be improved through training activities in order to develop skills in planning and decision-making to facilitate the development of action plans and rational decision making, and hence promote the search for new activities or new ways to develop the existing ones.*

*Key words: entrepreneurial potential, innovation, agricultural sciences.*

## Introdução

Segundo Bronosky (2008), as organizações de ensino superior têm vindo a sentir a necessidade de capacitar e motivar os alunos para iniciativas empreendedoras que gerem emprego e desenvolvimento económico. A identificação do potencial empreendedor e o seu aproveitamento posterior trará, na opinião de Hull, Bosley & Udell (1980), benefícios para a Sociedade. Variáveis sociodemográficas (género, idade, região de residência, entre outras) e variáveis de capital humano (curso, entre outras) são apresentadas, por Teixeira & Davey (2010), como fatores diferenciadores desse potencial.

Deo (2005) defende que o empreendedor pode ser visto sob o ponto de vista do economista e sob o ponto de vista do psicólogo. Segundo Rwigema e Venter (2004), para o economista, o empreendedor pode ser visto como aquele que está motivado para ser inovador, é agente de mudança e de criação de riqueza, acrescentando valor aos recursos e a outros ativos, introduzindo inovações na economia. Neste contexto, Acs, Desai e Klapper (2008) referem que os empreendedores geram empregos e inovações e intensificam a competitividade.

Filion (2000) defende que o empreendedor é, com frequência, considerado uma pessoa que sabe identificar as oportunidades de negócios, os nichos do mercado e que, conseqüentemente, traz progresso. Por outro lado, Deo (2005) considera que, do ponto de vista de um psicólogo, o empreendedor é a pessoa que, impulsionada por forças, tem a necessidade de obter ou conseguir algo, experimentar e realizar novos feitos. Alves e Bornia (2011) defendem que o empreendedor tem características e traços de personalidade singulares em relação à população, os quais são propícios ao sucesso do empreendedorismo.

Brockhaus e Horwitz (1986) consideram que um dos pré-requisitos essenciais do potencial empreendedor é a intenção de realizar e sobreviver. Apesar da intensa pesquisa que se tem feito, Mitton (1989) considera que continua a ser difícil e desafiador definir e entender o empreendedorismo. Da corrente de pensamento que se concentra na personalidade e nos traços psicológicos do indivíduo e, da

vastidão de características potenciadoras do empreendedorismo relatadas na literatura, foram desenvolvidos e testados vários modelos para identificar o potencial empreendedor, onde se destacam, em todos eles, características particulares, tais como a necessidade de realização, o autocontrolo, a propensão ao risco, a tolerância à incerteza, a autoconfiança e a inovação. Estas serão as características a abordar na presente investigação. Na perspectiva de Mitton (1989), Markman e Baron (2004) e Curral, Caetano e Santos (2010), os indivíduos que possuem estas características terão uma maior tendência de virem a ser empreendedores no futuro.

### **Material e métodos**

Foi desenvolvido um estudo do tipo cross-section que teve como objetivo identificar fatores diferenciadores do potencial empreendedor em 50 estudantes, de um total de 599, que frequentavam a Escola Superior Agrária, localizada em Bragança, Norte de Portugal. Para a recolha de dados que decorreu em dezembro de 2012 foi utilizada, como instrumento, a escala Entrepreneurial Potential Indicator, validada, para Portugal, por Ferreira, Fonseca & Santos (2009). A escala, que foi administrada em sala de aula, considera seis características empreendedoras (Tabela 1) referidas por Ferreira, Fonseca & Santos (2009) e Koh (1996) que resultam de 15 atitudes avaliadas através de uma escala de Likert de 1 a 5 (1. discordo plenamente; 2. discordo; 3. não concordo nem discordo; 4. concordo; e, 5. concordo plenamente).

As competências empreendedoras que irão ser avaliadas constam da Tabela 1.

Tabela 1. Características e atitudes empreendedoras

<b>Características</b>	<b>Atitudes</b>
Propensão ao risco	Poder-me-ia descrever como um apostador
	Acredito que incorro em grandes riscos mais do que as pessoas em geral
	Não começo nada sem antes ter um plano de ação
	Tenho sempre meu dinheiro debaixo de vista
	Tomo sempre decisões racionais
Necessidade de realização	Tenho uma forte necessidade para trabalho independente
	Sou bem-sucedido em ultrapassar desafios e problemas
	Uma vez iniciado um projeto sigo em frente até ao fim
	Acredito que a falha é somente uma oportunidade de aprendizagem
Autocontrolo	Tenho uma forte necessidade para trabalho independente
	Faço uma distinção clara entre trabalho e lazer
	Acredito que fazemos a nossa própria sorte
Autoconfiança	Tenho uma forte necessidade para trabalho independente
	Frequentemente, sigo as minhas intuições
	Sou bem-sucedido em ultrapassar desafios e problemas
	Acredito que a falha é somente uma oportunidade de aprendizagem
Inovação	Sou uma pessoa com ideias e soluções distintas e novas
Tolerância à incerteza	Desencorajo-me facilmente quando as coisas não funcionam à minha maneira
	Não começo nada sem antes ter um plano de ação
	Tenho facilidade para lidar com situações ambíguas
	Tomo sempre decisões racionais

Fonte: Ferreira, Fonseca e Santos (2009) e Koh (1996).

As competências empreendedoras que avaliadas podem ser descritas da forma que se segue:

- A necessidade de realização é uma característica encontrada em indivíduos com um forte desejo de serem bem-sucedidos e são, conseqüentemente, mais propensos a atitudes empreendedoras.
- Autocontrolo é uma característica ligada à percepção dos indivíduos acerca do rumo da sua própria vida. Assim, indivíduos com autocontrolo acreditam que são capazes de controlar o rumo das suas vidas, enquanto os que não possuem autocontrolo acreditam que os eventos das suas vidas são causas de fatores externos, como a sorte ou o azar.
- A propensão ao risco é uma característica ligada aos indivíduos cujas atitudes se orientam em direção à tomada de decisão em contexto de incerteza. Salienta-se a questão de o risco incorrido constituir um risco controlado.
- A tolerância à incerteza está subjacente a situações ambíguas nas quais a informação é insuficiente. Indivíduos capazes de perceberem estas situações e organizarem a informação disponível para então atuarem são dotados desta característica.
- A autoconfiança é uma característica ligada à percepção positiva e confiante de um individuo sobre si próprio, sobre as suas capacidades e habilidades.
- A inovação está relacionada com a procura e desenvolvimento de atividades novas ou de novas formas de desenvolvê-las.

Os dados recolhidos foram tratados no SPSS versão 22. O tratamento estatístico dos dados envolveu o uso da estatística descritiva com o objetivo de caracterizar a amostra, nomeadamente, cálculo de frequências absolutas e relativas sempre que as variáveis eram nominais; e, ao cálculo da média (medida de tendência central)

e desvio-padrão (medida de dispersão) sempre que as variáveis eram ordinais ou superiores. Por se tratar de um estudo analítico, recorreu-se: 1. testes estatísticos de localização para verificar se existiam diferenças, estatisticamente, significativas entre as amostras; 2. teste de correlação para verificar a forma como o potencial empreendedor estava correlacionado com as características empreendedoras consideradas; e, 3. estatística multivariada para estimar um modelo de regressão logística binária que permitiu identificar as características determinantes à capacidade empreendedora do estudante e, simultaneamente perceber a sua capacidade explicativa. O método utilizado, na análise multivariada, para a escolha das variáveis foi o stepwise, processo que é, frequentemente, utilizado em situações em que não são conhecidas as relações ou associações entre as variáveis explicativas e a variável dependente. Dentro deste método selecionou-se a variante forward stepwise por partir de um modelo inicial sem nenhuma variável explicativa, apenas com o termo constante, indo depois acrescentando passo-a-passo as variáveis mais significativas, até encontrar o “melhor modelo”. Segundo Pestana & Gageiro (2014), este método tem a vantagem de eliminar a hipótese de existência de problemas relacionados com a multicolinearidade problemas que, normalmente colocam em causa a significância dos coeficientes estimados.

Segundo Cramer (2005), para apreciar a qualidade global do modelo, um dos métodos usuais, consiste no cálculo da estatística designada “razão de verosimilhança”, estatística que permite testar a hipótese nula dos coeficientes serem nulos ( $H_0: \beta_1 = \beta_2 = \dots = \beta_k = 0$ ) contra a hipótese alternativa de haver, pelo menos um, diferente de zero ( $H_1: \exists i, j: \beta_i \neq \beta_j$ ). O valor crítico aproximado é obtido nas tabelas da distribuição do Qui-quadrado, com número de graus de liberdade igual ao de restrições consideradas na hipótese nula. O teste à validade global do modelo apenas permite, segundo Pestana & Gageiro (2014), concluir que o seu poder explicativo é maior do que o modelo composto apenas por um termo independente, nada se podendo concluir quanto à significância individual de cada um dos coeficientes estimados. Para o fazer, deve usar-se o teste de Wald no qual se testa a hipótese nula  $H_0: \beta_j = 0$  contra a hipótese alternativa  $H_1: \beta_j \neq 0$ . Uma vez testada a validade do modelo ao nível de cada estimador e do seu conjunto

deve, posteriormente ser testada a qualidade do ajustamento. Para o efeito, segundo Pestana & Gageiro (2014), deve recorrer-se ao R2 de Nagelkerke.

Como pode ver-se na Tabela 2, a maioria dos participantes era do género feminino (78,0 %); tinha idade igual ou superior a 22 anos (56 %) registando em média 22 anos ( $\pm 5,8$ ); estudava em regime ordinário (84 %); era proveniente da região Norte (84 %), vivia em meio urbano (52 %) e frequentava o 1º ciclo de estudos (82 %).

Tabela 2. Características dos participantes

Variável	Grupos	Frequências (n = 50)	
		%	n
Género	Masculino	22	11
	Feminino	78	39
Classes etárias	18 a 21 anos	44	22
	≥ 22 anos	56	28
Regime de frequência	Ordinário	84	42
	Trabalhador-estudante	16	8
Região de proveniência	Norte	84	42
	Centro	14	7
	Sul	2	1
Maio de residência	Rural	48	24
	Urbano	52	26
Ciclo de estudos	Licenciatura	82	41
	Mestrado	18	9
Ano - 1º ciclo (n=41)	1º Ano	19,5	8
	2º Ano	41,5	17
	3º Ano	39	16

## Resultados

Na figura 2 são apresentadas as competências empreendedoras propostas por Ferreira, Fonseca e Santos (2009) e Koh (1996). A maioria dos inquiridos

apresentou competências empreendedoras (66 %), embora umas mais desenvolvidas do que outras. A característica empreendedora que mais se destaca, pela positiva, é a propensão ao risco (82 %). Por isso, pode dizer-se que se trata de alunos capazes de tomar decisões arriscadas embora nem sempre, devidamente, fundamentadas em planos de ação, previamente, definidos. Pela negativa, destaca-se a inovação (32 %). São em número inferior os estudantes que são criativos e inovadores, que pensam e fazem coisas novas e com valor.

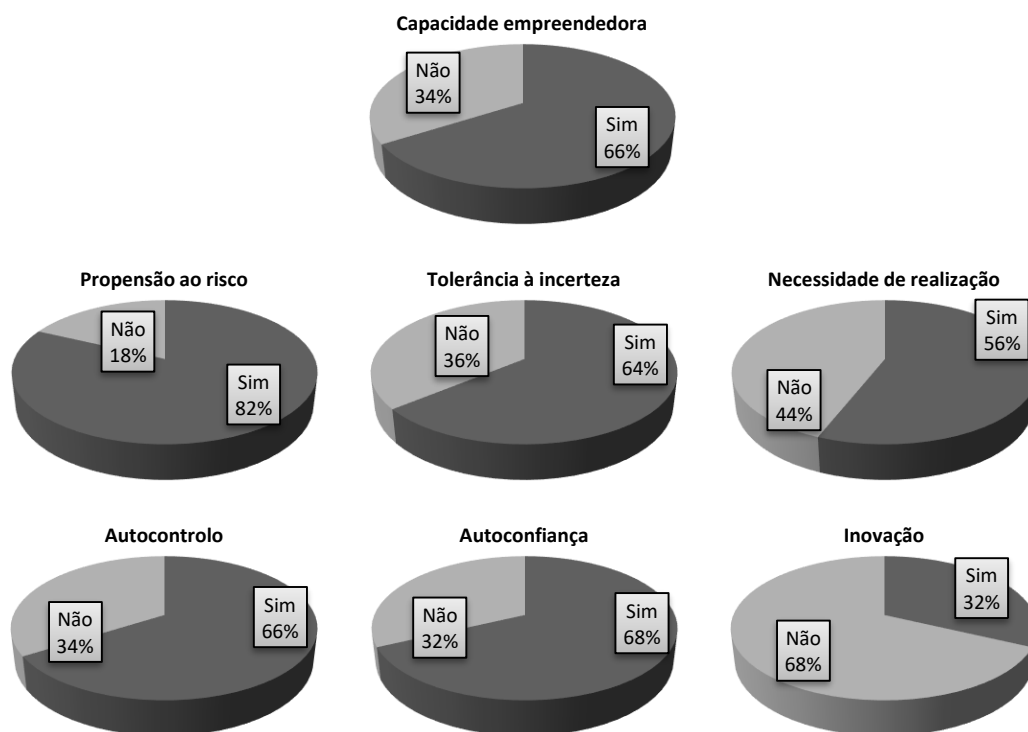


Figura 2. Capacidade empreendedora e competências empreendedoras e (%).

As médias registadas para as seis dimensões (Tabela 3) rondam o valor 3, considerado um valor satisfatório.

Tabela 3. Correlação das características com a capacidade empreendedora

Características	r-Pearson	Média	DP
Propensão ao risco	0,801*	2,9	0,635
Tolerância à incerteza	0,603*	3,1	0,721
Necessidade de realização	0,819*	2,9	0,813
Autocontrole	0,825*	3,0	0,994
Autoconfiança	0,869*	2,9	0,786
Inovação	0,882*	3,0	0,925

\*Correlações significativas ao nível de significância de 0,05.

O teste de correlação r-Pearson permitiu verificar, ao nível de significância de 5 %, que as características empreendedoras que mais contribuem para um potencial empreendedor são, por ordem da força de correlação, inovação ( $r = 0,882$ ), autoconfiança ( $r = 0,869$ ), autocontrole ( $r = 0,825$ ), necessidade de realização ( $r = 0,819$ ), propensão ao risco ( $r = 0,801$ ) e tolerância à incerteza ( $r = 0,603$ ). Todas as dimensões consideradas mostraram estar positiva e fortemente correlacionadas com o potencial empreendedor.

O teste de t-Student permitiu verificar a inexistência de diferenças significativas tendo em conta fatores sociodemográficos como o género ( $p = 0,939$ ) e a idade ( $p = 0,996$ ). Da mesma forma, o teste one-way ANOVA permitiu verificar que fatores sociodemográficos como a região de proveniência ( $p = 0,578$ ) e o meio onde residem ( $p = 0,309$ ) não são fatores diferenciadores do potencial empreendedor dos estudantes (Tabela 4). Relativamente aos fatores de capital humano, como sejam o regime de frequência, ciclo de estudos e ano frequentado, verificou-se que não existiam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos (Tabela 5).

Tabela 4. Potencial empreendedor tendo em conta fatores sociodemográficos

<b>Fator</b>	<b>Grupos</b>	<b>n</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>	<b>p</b>
Género	Masculino	11	3,6	1,9	0,939
	Feminino	39	3,7	2,1	
Classes etárias	18 a 21 anos	22	3,7	2,1	0,996
	≥ 22 anos	28	3,7	2,0	
Região de proveniência	Norte	42	3,6	2,0	0,578
	Centro	7	4,3	2,6	
	Sul	1	5	0,0	
Meio de residência	Rural	24	4	2,0	0,309
	Urbano	26	3,4	2,1	

Tabela 5. Potencial empreendedor tendo em conta fatores de capital humano (n = 50)

<b>Fator</b>	<b>Categorias</b>	<b>n</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>	<b>p</b>
Regime de frequência	Ordinário	42	3,7	2,0	0,939
	Trabalhador-estudante	8	3,7	2,4	
Ciclo de estudos	Licenciatura	41	3,8	2,1	0,592
	Mestrado	9	3,3	1,9	
Ano frequentado (1º ciclo)	1º ano	8	3,7	2,1	0,426
	2º ano	17	4,1	1,7	
	3º ano	16	3,2	2,4	

Como pode ver-se na Tabela 6, o R2 de Nagelkerke regista um valor de 92,9 %.

Tabela 6. Modelo de regressão logística binária

Variáveis independentes	Propensão ao empreendedorismo		
	$\beta$	DP	p
Propensão ao risco	1,717	0,145	0,041*
Tolerância à incerteza	2,57	0,135	0,109
Necessidade de realização	0,001	0,240	0,977
Autocontrole	1,245	0,169	0,033*
Autoconfiança	0,385	0,238	0,239
Inovação	2,806	0,359	0,094
Constante	-33,576	5,180	0,030*
N = 50; R <sup>2</sup> Nagelkerke = 0,929; $\chi^2$ = LR = 55,644; GL= 6;			
p (para rejeitar H <sub>0</sub> ) = 0,000			

\* Parâmetro significativo ao nível de significância de 0,05.

Desta forma, pode afirmar-se que a propensão ao empreendedorismo é explicada em 92,9 % pelas dimensões consideradas por Ferreira, Fonseca & Santos (2009) e Koh (1996). A análise dos resultados da regressão logística permitiu estimar um modelo bem ajustado uma vez que  $\chi^2 = 55,644$  para  $p = 0,000$ . A regressão logística binária revelou a existência de uma relação de causa e efeito entre as características “propensão ao risco” e “autocontrole” e o potencial empreendedor ao nível de confiança de 95 %. Os sinais positivos dos coeficientes das dimensões estatisticamente significativas indicam que aqueles que têm mais propensão a serem empreendedores têm por sua vez maior propensão ao risco e melhor autocontrole.

## **Discussão e Conclusões**

Este estudo permitiu identificar fatores diferenciadores do potencial empreendedor de 50 estudantes de uma instituição de ensino superior da área das ciências agrárias, localizada em Bragança no Norte de Portugal. A maioria dos estudantes mostrou ter competências empreendedoras moderadamente desenvolvidas. Só as competências autocontrolo e propensão ao risco mostraram ser determinantes para o perfil do potencial empreendedor, contudo, estas e outras competências igualmente importantes, nomeadamente, autoconfiança, tolerância à incerteza, necessidade de realização e, sobretudo, inovação, terão se for aperfeiçoada.

Estes resultados permitem identificar debilidades nos estudantes ao nível do planeamento, criatividade e tomada de decisão que podem ser colmatadas com formação adequada que permita ao estudante desenvolver o seu potencial empreendedor em pleno. Neste contexto, como forma de ultrapassar as limitações, propõe-se a introdução nos planos curriculares, dos cursos lecionados, temáticas que incidam em técnicas de criatividade, que possibilitam aos estudantes identificarem os seus bloqueios, para melhor perceber e examinar os problemas e as oportunidades que vão surgindo ao longo da vida, pessoal, estudantil e profissional. Ser bem-sucedido em ultrapassar desafios e problemas, acreditar que os fracassos podem ser oportunidades de aprendizagem, ser criativo, bem como encorajar-se com as coisas mesmo quando elas não correm como o planeado são, obviamente, características, que podem ser aprimoradas.

Por fim, os resultados desta investigação revelaram que os fatores de capital humano e sociodemográficos considerados não são fatores diferenciadores do perfil de potencial empreendedor. Estes resultados são consistentes com os apresentados por Koh (1996).

O empreendedorismo académico é, atualmente, considerado um veículo fundamental para aumentar a criação de novos negócios e gerar riqueza. Devem, por isso, as organizações de ensino superior concentrar-se no desenvolvimento do conceito, na aquisição de know-how (Filion, 2000), adaptando as metodologias de

ensino do empreendedorismo às necessidades e circunstâncias dos estudantes e às exigências das futuras profissões no contexto das necessidades da economia (Keogh & Galloway, 2004).

## **Agradecimentos**

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT-Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2013.

## **Referências bibliográficas**

Acs, Z.; S. Desai & L. Klapper (2008). What does Entrepreneurship data really show? A comparison of the global entrepreneurship monitor and the Work Bank Group Datasets, World Bank, Policy Research Working paper Series 4467.

Alves, L. & A. Bornia (2011). “Desenvolvimento de uma escala para medir o potencial empreendedor utilizando a Teoria da Resposta ao Item (TRI)”. *Gestão & Produção*. Vol. 18. No. 4. pp. 775-790.

Brockhaus, R. & P. Horwitz (1986). “The psychology of the entrepreneur”. In D. Sexton & R. Smilor (eds.). *The Art and Science of Entrepreneurship*, Ballinger. Cambridge. MA. pp. 25-48.

Bronosky, M. (2008). “A intenção empreendedora no ambiente universitário: caso unicentro”. *Revista Capital Científico*. Vol. 6. No. 1. pp. 245-260.

Cramer, J. (2005). *The Origins and Development of the Logit Model*. Cambridge. Cambridge Publishers.

Currall, L.; A. Caetano & S. Santos (2010). “Atitude dos estudantes universitários face ao empreendedorismo. Como identificar o potencial empreendedor?” *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*. Vol. 9. No. 4. pp. 2-14.

Deo, S. (2005). *Challenges for small business entrepreneurs: A study in the Walka Region of New Zealand*. Small Business Advancement National Centre. University of Arkansas.

Ferreira, A.; L. Fonseca & L. Santos (2009). Serão os ‘estudantes empreendedores’ os empreendedores do futuro? O contributo das empresas juniores para o empreendedorismo. Faculdade de Economia do Porto Working Papers. No. 333.

Filion, J. (2000). “Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares”. *Revista de Administração de Empresas Light*. Vol. 7. No. 3. pp. 2-7.

Gartner, W. (1989). “Some suggestions for research on entrepreneurial traits and characteristics”. *Entrepreneurship: Theory and Practice*. Vol. 14. pp. 27-37.

Hull, D.; J. Bosley & G. Udell (1980). “Renewing the hunt for the heffalump: identifying potential entrepreneurs by personality characteristics”. *Journal of Small Business Management*. Vol. 18. No. 1. pp. 11-18.

Keogh, W. & L. Galloway (2004). “Teaching enterprise in vocational disciplines: reflecting on positive experience”. *Management Decision*. Vol. 42. No. 3 y 4. pp. 531-541.

Koh, H. (1996). “Testing hypotheses of entrepreneurial characteristics: A study of Hong Kong MBA students”. *Journal of Managerial Psychology*. Vol. 11. No. 3. pp. 12-25.

Mitton, D. (1989). “The complete entrepreneur”. *Entrepreneurship: Theory and Practice*. Vol. 13. pp. 9-19.

Pestana, M. & J. Gageiro (2014). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS*. 6ta. Ed. Lisboa. Edições Sílabo.

Rwigema, H. & R. Venter (2004). *Advanced entrepreneurship*. Cape Town. Oxford University Press.

Teixeira, A. & T. Davey (2010). “Attitudes of Higher Education students to new venture creation: a preliminary approach to the Portuguese case”. *Industry and Higher Education*. Vol. 24. No. 5. pp. 323-341.